

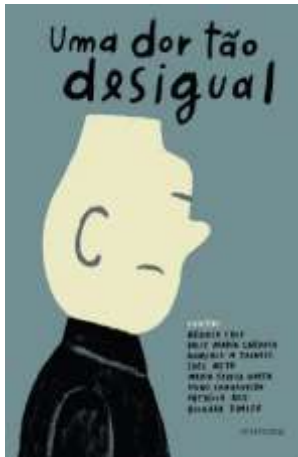


DUAS DE LETRA | GRUPO DE LEITORES DA FPIE

MAIO 2017

GUIA DE LEITURA

UMA DOR TÃO DESIGUAL – VÁRIOS AUTORES



BIOGRAFIA: Desta feita não se coloca biografia, visto ser uma coletânea de contos de vários autores (Afonso Cruz, Dulce Maria Cardoso, Gonçalo M Tavares, Joel Neto, Maria Teresa Horta, Nuno Camarneiro, Patrícia Reis e Richard Zimler).

SINOPSE (da obra): “Este livro resulta de um desafio feito a oito autores portugueses para que explorassem as fronteiras múltiplas e ténues que definem a saúde psicológica e o que dela nos afasta. Em estilos muito diferentes, um leque extraordinário de escritores brinda-nos com textos que mostram como qualquer um de nós pode viver momentos difíceis e precisar de ajuda. Estas são histórias de

perda, solidão, fraqueza e delírio, mas também de esperança e humanidade. São relatos de gente que podíamos conhecer e talvez conheçamos, histórias íntimas e ricas de homens e mulheres como nós. A área da saúde psicológica está ainda sujeita a muitos preconceitos, que dificultam a procura de ajuda profissional e estigmatizam quem sofre. Pretende-se com este livro combater esses preconceitos, despertar consciências e ajudar a encontrar uma saída.”

SINOPSE II (por Mária do Rosário Pedreira, do blogue *Horas Extraordinárias* - 04/10/16 -, publicação com o título *Males Invisíveis*): Quando por vezes entrevistam os vizinhos de um homem que matou a mulher ou a namorada, esses dizem que não faziam ideia de que o assassino fosse uma pessoa violenta ou perturbada. Por outro lado, na sequência de um suicídio, amigos e famílias ficam frequentemente surpreendidos e à procura de razões. O desequilíbrio e a doença psíquica podem ser invisíveis e, mesmo quando o não são, representam um estigma que leva muita gente a não procurar uma saída enquanto é tempo. Uma Dor tão Desigual resultou de um desafio feito pela Ordem dos Psicólogos a oito autores para que explorassem as fronteiras múltiplas e ténues que definem a saúde psicológica e o que dela nos afasta. Em estilos muito diferentes, um leque extraordinário de escritores (Afonso Cruz, Dulce Maria Cardoso, Gonçalo M Tavares, Joel Neto, Maria Teresa Horta, Nuno Camarneiro, Patrícia Reis e Richard Zimler) brinda-nos com textos que mostram como qualquer um de nós pode viver momentos difíceis e precisar de ajuda. São histórias de perda, solidão, fraqueza e delírio, mas também de esperança e humanidade. Pretende-se com este livro combater preconceitos, despertar consciências e ajudar a encontrar uma saída. A capa é do magnífico André Letria.

***Uma dor tão desigual* (Recensão por Pedro Miguel Silva a 28-12-2016, no site <http://deusmelivro.com/mil-folhas/uma-dor-tao-desigual-v-a-28-12-2016/>)**

O desafio partiu da Ordem dos Psicólogos – e da campanha “Encontre uma saída” – e foi colocado a oito escritores portugueses: explorar as fronteiras múltiplas e ténues que definem a saúde psicológica e o que dela nos afasta. O resultado dá pelo nome de “Uma dor tão desigual” (Teorema, 2016), um livro atravessado pelas ideias de perda, solidão, fraqueza, delírio, esperança e humanidade.

Afonso Cruz fala-nos da “Síndrome de Diógenes”, trazendo-nos aquela que é uma das personagens recorrentes dos seus livros: Isaac Dresner, um tipo que criava ou encontrava museus que, normalmente, mudavam a vida das pessoas (às vezes para pior). É o caso do Museu

dos Objectos Inúteis, enchido aos poucos com lixo e que tinha na recepção Abdul-Rahman, um homem diagnosticado com a Síndrome de Diógenes e mestre de muitos escritores sem imaginação. “Ouço a alma dos objectos que teimosamente não os abandona.”

Em “A Outra Metade”, Dulce Maria Cardoso escreve “sobre o momento em que o olhar dos outros fica a contaminar o nosso como um vírus maligno.” Um conto onde assistimos à criação de um outro “eu”, fictício mas mais forte que o “eu” real.

Gonçalo M. Tavares apresenta-nos a “Josef”, um homem que tem a planta da casa na planta do pé, um mapa precioso para quando se perde (o que acontece com demasiada frequência).

Em “Jaca”, Joel Neto escreve que “não há fatalidade como a hierarquia”, fazendo desfilar uma morte que, três décadas depois, ainda é servida sem falhar a todo e cada santo Natal.

O conto mais pesado tem a assinatura de Maria Teresa Horta, lançando uma questão pertinente numa história que é, toda ela, sobre o desafecto, o desamparo e a crueldade materna: “Final, qual é a diferença entre aquilo que se lamenta e a realidade que recusa a cumprir-se enquanto exaltação e fogo?”

Em “Jogo Honesto”, Nuno Camarneiro escreve sobre a perda, apresentando-nos a uma personagem com um longo e negro historial estatístico: “Tenho trinta e nove anos e fui a doze funerais, carreguei cinco urnas e chorei por sete vezes. Tenho trinta e nove anos e a minha mulher deixou-me.”

Patrícia Reis mostra-nos um ataque de pânico dois meses após uma separação, por alguém que vai mantendo um diálogo surdo – ou um monólogo deprimente – com uma psicóloga. Um lugar onde habita o desamor ou o amor sem sal: “O Jaime é alguém que não me faz feliz, mas também não me faz infeliz.”

A fechar, Richard Zimmler aborda a impenetrável relação entre um pai e um filho, mostrando que a esperança e os novos começos podem acontecer em qualquer momento da linha temporal.

Entrevista vídeo (cerca de 4 min.) no programa *À Volta dos Livros* (Ana Daniela Soares conversa com Patrícia Reis sobre a coletânea *Uma dor tão desigual* | 23 Set, 2016). Ver em: <http://www.rtp.pt/play/p312/e249800/a-volta-dos-livros>